

Carlos Bernardo Loureiro



A Bíblia e Seus Absurdos

Em busca da verdade

PREFÁCIO

Apresento ao leitor mais um livro da minha lavra.

Trata-se de um trabalho que versa sobre os livros atribuídos a Moisés e o que se pensa ter sido escrito por Josué. É o que os autores denominam de Hexateuco, reconhecendo-se, pois, o Pentateuco e esse livro uma unidade (vide: Pentateuco - Hexateuco, de S. Movinckel, Berlin, 1964).

Ao longo da análise que fiz, de versículo a versículo, houve momentos em que pensei em desistir, diante dos quadros terríveis que se sucediam ante os meus olhos. Vi, estarecido, entre outros absurdos, três mil israelitas serem massacrados porque preferiram um "bezerro de ouro", àquele "Deus" autoritário e impiedoso. Os gritos de clemência dos apóstatas ecoaram, lugubrememente, pelas planícies, ao pé do Monte Sinai. "Deus", implacável, iracundo, exigia vingança! O sangue jorrou sobre a Terra, como se não fosse estancar jamais.

E tantas outras carnificinas "presenciei", horrorizado.

Que "Deus" é esse? Por que tanta ânsia sanguinária? Era sempre insatisfeito; queria sangue, e mais sangue, que jorrava, abundante, dos pescoços de crianças, de idosos degolados e de animais!

Nada demovia "Deus" de seus instintos assassinos.

Era implacável a sua ira, tanto quanto para com os seus "filhos", quando o traíam, como para as populações vencidas nas guerras que promovia. A sua ordem era, sempre, PASSAR A FIO DE ESPADA TUDO QUE VIVESSE na cidade conquistada. Até os animais não escapavam. Afinal de contas, eles também têm sangue.

Entrego, com tristeza, esta obra ao público. É a primeira vez que, ao concluir um livro, me sinto deprimido, acabrunhado. Perdoe-me, caro leitor, por fazê-lo compartilhar do meu mais profundo desgosto em assistir, absolutamente impotente, ao que os homens fizeram de Deus, transformando-o à sua imagem e semelhança. Esse "Deus" algoz deveria ter ficado no passado histórico dos hebreus. Ali, de qualquer sorte, ele age com desenvoltura, entre um povo extraordinariamente belicoso, pleno de ambições, que não vacila em fazer prevalecer os seus avassaladores objetivos.

Não se pense que sou um blasfemo, que nutro o jeriza ao conteúdo do Velho Testamento; em absoluto! É que não posso aceitar um "Deus" que promove, como "Senhor dos Exércitos", crimes hediondos, levando o "povo eleito" à prática de terríveis atitudes perante o seu próximo. Nos estandartes das tropas israelitas deveria ter inscrita, em letras indeléveis, vistosas, rubras: OLHO POR OLHO, DENTE POR DENTE!

Esses estandartes, quando apareciam ao longe, os desafetos de Israel tremiam nas bases. Sabiam que, se perdessem a batalha (e normalmente perdiam), seriam humilhados, teriam suas mulheres estupradas e violentadas, crianças e idosos trucidados. A cidade conquistada seria, por ordem de "Deus", transformada em cinzas... Mas, caro leitor, fiquemos, por enquanto, por aqui.

Caso pretenda, após este sombrio preâmbulo, penetrar as páginas desta obra, recomendo que as perlustre aos poucos, evitando o exacerbamento das emoções e da angústia.

Tristemente,

Carlos Bernardo Loureiro

CAPÍTULO I

O PRIMEIRO LIVRO DE MOISÉS – GÊNESIS

DILÚVIOS

Para expressar a convicção de que o céu, a Terra, o homem etc., devem a Deus sua existência, o Antigo Testamento utiliza-se de muitos termos que designam a atividade produtiva do homem: "Deus" funda (yāsad), consolida (Kōnén), constrói (bānah), modela (yāsar), gera (hōlid), produz (asāh) o mundo.

Entretanto, a ideia de que o mundo e o homem são obras de um Deus criador era muito difundida no oriente antigo.

Na teologia de Mênfis é o deus Ptal quem, pelo seu coração e sua língua, chama à existência os deuses e as forças vitais. O homem é considerado obra do deus-carneiro, Cnum, que o modelou num torno de oleiro.

Nas cosmogonias egípcias, um deus criador tem que vencer as forças do caos para formar o cosmos. Enquanto isso, as inscrições de Karatepe e Leftis Magna, o deus EL, do panteão cananeu, traz como epíteto: qn'rs (criador da terra). Era denominado como o criador, o pai.

A modelagem do homem e dos animais (vide Gênesis) lembra o modo de trabalhar do deus egípcio num, anteriormente citado.

Especial atenção é dada à criação da mulher "construída" (bānàh) por Deus da "costela" de Adão.

O termo bānāh é, ainda, um epíteto do deus EL na sua qualidade de pai da humanidade - o construtor dos construídos ou criador das criaturas.

Chega-se à conclusão factível de que a criação segundo o livro Gênesis se confunde com as cosmogonias dos povos vizinhos, sendo, então, aproveitada a noção que se tinha, à época, da Criação.

Admite-se, até, que o "dia do descanso" divino, que se expressa no Gênesis, 2:2 e 3, teria sido plagiado de outros mitos de criação, nos quais o criador, depois de sua obra, se retira, vai descansar.

A verdade é que Moisés adotou, para a formulação do processo de criação, teorias e fantasias que circulavam no seu tempo a respeito da origem do cosmos. (Para maiores esclarecimentos, consulte-se o "Dicionário Enciclopédico da Bíblia", ed. Vozes).

A violência e a insensatez imperam no Antigo Testamento, a começar pelo assassinato de Abel, pelo seu irmão Caim. (Gênesis 4:8). Depois do crime, Caim recebeu de "Deus" uma espécie de salvo-conduto, atendendo à súplica do assassino que temia ser morto, por quem, não se sabe! (Gên. 4:14 e 15). Quem sabe pelo pai e/ou pela mãe?

E conheceu Caim sua mulher (!) e ela concebeu e teve a Enoque, "na terra Node, da banda do oriente do Éden" (Gên. 4:17).

De onde saiu essa mulher? Teria sido a própria Eva?

O Antigo Testamento tem início com um crime hediondo e um incesto, que nem mesmo a Psicanálise pode explicar.

Adiante, Lameque, descendente de Caim, "tomou para si duas mulheres: o nome de uma era Ada, e o nome da outra Zila".

De onde saíram essas mulheres?

Era permitida, àquela recuada época, a um homem "tomar para si duas mulheres"? Que critérios eram adotados para tanto?

E disse Lameque a suas mulheres - "... escutai o meu dito; porque eu matei um varão por me ferir, e um mancebo por me pisar" (Gên. 4:23). Matava-se, então, sob "a vista de 'Deus'", por qualquer e fútil motivo.

Mas, quem eram esse varão e esse mancebo?

É incrível, a propósito, a obscuridade da maioria dos ditados bíblicos. Ainda em Gênesis, 4:26: "E a Set (filho de Adão e Eva) também nasceu um filho, e chamou o seu nome Enos..." Quem teria sido a mãe de Enos? De onde ela saiu?

Pais, mães, filhos, netos, bisnetos, etc, aparecem no texto do Gênesis, ninguém sabe de onde nem como, criando, assim, não somente confusão, mas natural descrédito quanto à autenticidade dos relatos. Ou esses fatos aconteceram, mas não foram, devida e lucidamente, contados, ou jamais existiram. Moisés os teria, então, inventado?

Continuando a registrar os absurdos bíblicos, vejamos em Gênesis, 6:4 - "Havia, naqueles dias, gigantes na Terra..." Que gigantes eram esses? De onde saíram? Quem os gerou? Deus? Ou eram geração espontânea? Ou jamais existiram? Adiante, (Gên. 6:6), lê-se: "Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a Terra, e pesou-lhe o coração". "Deus", ao se arrepender "de haver feito o homem", confessa que errou. Quer dizer que "Deus", não é infalível - erra...!!.. Além de tudo, será que "Deus" não era, aquele tempo, onisciente?

E pesou-lhe o coração. Coração!!!??? E, porque arrependido, "Deus" expressa a sua extrema e tresloucada violência. (Gên. 6:7)

"E disse o Senhor: Destruirei de sobre a Terra, o homem que criei, desde o homem até o animal, até ao réptil, e até as aves do céu; porque me arrependo de os haver feito". É impressionante!...

Eu não entendo, diante desses "absurdos divinos", porque tanto se diz que as Escrituras são sagradas, intocáveis etc. "Deus" além de pretender destruir o homem, fruto de seu próprio erro (!), também destruiria o animal, o réptil e as aves do céu, (Gên. 7:22) que ele também criou (E que antes ele abençoou). "A Terra, porém, estava corrompida diante da face de "Deus"; e encheu-se a Terra de violência". (Gên. 6:11). E afirma ele a Noé que erradicaria a violência através da violência (Gên. 6:13).

E, daí, surge a lenda do dilúvio. Lenda que eu contava aos meus filhos na hora de dormir. Eles adoravam. Só não contava que expirou toda a carne que se movia sobre a Terra, tanto de ave como de gado e de feras, e de todo réptil que se roja sobre a Terra, e de todo o homem". (Gên. 7:21). Que iriam pensar as crianças desse "Deus"?...

E em seguida: "Tudo que tinha fôlego de espírito de vida em seus narizes, tudo o que havia no seco, morreu". O "Deus" bíblico cria e destrói. Não foi ele que fez o homem à sua imagem e semelhança? (Gên. 1:26). Se o homem (raciocinemos) foi criado à imagem e semelhança de "Deus", por que o homem cometeu (e comete) tantas maldades? Ou o homem não foi bem feito, ou o homem, sendo imagem e semelhança de Deus, estava manifestando a violência, que demonstra seu Criador...

E observem, para complicar, que "viu 'Deus' tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom". Esta afirmativa se encontra em Gênesis, 1:31, antes, portanto, da disposição divina de destruir o que criou.

Confirma-se a idéia de que "Deus" errou, ou se enganou. Dos dois um ou os dois?

CIRCUNCISÃO

Em Gênesis 17:10, "Deus", pactuando com Abraão, diz-lhe: todo macho será circuncidado. Não explica por que razão (1).

E ordena ao provento Abraão (17:11): "E circundareis a carne do vosso prepúcio; e isto será por sinal do pacto entre mim e vós".

Que importância moral e/ou espiritual tem a circuncisão? E você, leitor, já imaginou o pobre do Abraão, em idade avançada, seccionando o prepúcio?

Eis, de volta, o "Deus" violento e insensato: "E o macho com prepúcio, cuja carne do prepúcio não estiver circuncidada, aquela alma será extirpada dos seus povos; quebrando o meu concerto (pacto)".

Que coisa de doido, meu verdadeiro Deus!

(1) A circuncisão é um rito muito antigo, anterior à idade do bronze, pois os hebreus, para realizá-lo, serviam-se de facas de pedra. Esta prática proveio do Egito para os hebreus e que estes a adotaram, por respeito humano, para escapar ao desprezo dos egípcios. Tornou-se, então, o sinal de aliança entre Deus e seu povo!!! Deus, admite, assim, a circuncisão, copiando os egípcios (vide: Gênesis. 17:11).

A DESTRUIÇÃO DE SODOMA E GOMORRA E UM CASO DE INCESTO

"Então o 'Senhor' fez chover enxofre e fogo, do 'Senhor' desde os céus, sobre Sodoma e Gomorra (Gên. 19:24).

Apenas Ló e suas duas filhas, por disposição de "Deus", escaparam, indo viver em uma caverna. Então, a primogénita disse à menor: "Nosso pai é já velho, e não há varão na Terra que entre em nós (ato sexual), segundo o costume de toda a Terra" (Gên. 19:31).

E deram vinho ao pai, embebedando-o. "Naquela noite a primogénita deitou-se com seu pai..."(Gên. 19:33).

No dia seguinte, ambas procederam à operação, deitando-se, então, com o pai, a menor (Gên. 19:36).

Será que no dia seguinte, Ló ainda estava bêbado ou o embriagaram outra vez?

Na primeira hipótese, ele praticou o ato sexual lúcido; na segunda hipótese, ele "se deixou" embriagar esperando, prazerosamente, o que ia acontecer... A primogénita teve um filho a que deu o nome de Moabe (pai dos Moabitas). E a menor também teve um filho - Benami (pai dos filhos de Amon).

Não foi sem razão que Dr. Tom Horner, teólogo norte-americano (autor do livro "O Sexo na Bíblia"), afirmou: Afinal de contas, a Bíblia, é um livro muito sensual. Essa opinião do capelão de Skidmore College se baseia nos vários lances de marcante sexualidade, identificados na Bíblia, desde o lendário episódio envolvendo Adão e Eva.

DEUS MANDA ABRAÃO MATAR SEU FILHO ISAQUE

"E aconteceu que tentou (!) 'Deus' a Abraão, e disse-lhe: Abraão! E ele disse: 'Eis-me aqui. "E disse: toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi". (Gênesis, 22:2).

Abraão levantou-se pela manhã, bem cedo, preparou o seu jumento, convocou dois dos seus servos e Isaque, seu filho. Cortou lenha para o holocausto, e foi ao lugar que "Deus" lhe indicara.

No caminho, o jovem filho de Sara (meia-irmã de Moisés, que o concebeu "por obra e graça" de Deus, tornando-se uma velha fértil), perguntou, intrigado, ao pai: "Meu pai!... Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o sacrifício?" (22:7).

Abraão respondeu-lhe: "Deus proverá para si o cordeiro para o sacrifício".

No local indicado por "Deus", Abraão edificou um altar, e pôs em ordem a lenha, e amarrou Isaque, deitando-o sobre o altar em cima da lenha. (Gên. 22:9). O velho patriarca pegou o cutelo para matar seu filho, porque exigia "Deus". No momento em que ia cumprir a sentença de morte, "o anjo do Senhor", lhe bradou: "Abraão, Abraão! Não estendas a tua mão sobre o moço, e não lhe faças nada; porque sei que teme a "Deus" e não lhe negaste o filho, o teu único" (Gên. 22:10, 11 e 12).

Abraão suspendeu o ato nefando que ia cometer, oferecendo, a "Deus", em sacrifício, um pobre carneiro que andava naquelas bandas da terra de Moira.

Que "Deus" é esse que exige sacrifícios humanos? Se não fosse um bom Espírito que tivera pena de Isaque, este teria sido brutalmente assassinado pelo próprio pai, cumprindo determinação "divina". Isto é puro fanatismo, que chegou às raias da demência!

O "Anjo do Senhor" (que Senhor!) era nada mais que um Espírito que tivera pena de Isaque, livrando-o do pai completamente obsidiado por terrível e desequilibrado Ser espiritual, fazendo-se passar por Deus.

Teria sido este farsante Ser espiritual, o "Deus de Abraão" e de toda a sua descendência?

Após a morte de sua esposa Sara, em Quiriate-Arba, Abraão, com mais de um século e meio de idade, amancebrou-se com outra mulher de nome Cetura, além das concubinas (que velho!), gerando vários filhos, que ficaram descontentes com o pai porque este deu tudo que tinha a Isaque". Abraão morreu com cento e setenta e cinco anos (!).

Qual teria sido o segredo de tanta vitalidade sexual do velho Abraão?

CAPITULO II

O SEGUNDO LIVRO DE MOISÉS – ÊXODO

AS PRAGAS (nauseabundas) DE DEUS

Em Êxodo, "Deus" investe contra o Faraó que não queria deixar o povo eleito sair do Egito. Disse, então, a Moisés: "Dize a Arão: Toma tua vara, e estende a tua mão sobre as águas do Egito, sobre as tuas correntes, sobre os teus rios, e sobre os seus tanques, e sobre todo o ajuntamento das tuas águas, para que se tornem em sangue; e haja sangue em toda a terra do Egito, assim nos vasos de madeira como nos de pedra". (Êx. 7:19).

Moisés e Arão, obedecendo as ordens do "Senhor", fendeu as águas "que estavam no rio", e todas as suas águas se tornaram sangue. (Êx. 7:20). Os peixes, naturalmente, coitados, morreram, "e o rio fedeu", e os egípcios não podiam beber a água do rio; e houve sangue (morte) por toda a terra do Egito (Êx. 7:21). O Faraó, sob a guarda dos magos do Egito (que demonstraram ter tanta força quanto Deus) ficou irredutível.

"Assim se cumpriram sete dias, depois que o Senhor ferira o rio".

Eis aí o Deus sanguinário, que sacrifica todo um povo em suposto benefício dos seus eleitos. E, além do povo, os inocentes peixinhos, que nada tinham a ver com os homens.

É duro, caro leitor, considerar Deus como um ser tresloucado; mas, não estou aqui tratando do Deus Amor, revelado por Jesus. Esse Deus de Abraão só existiu, em verdade, para o povo hebreu. Apenas para ele! Javé, tendo mostrado a Israel sua poderosa proteção pela libertação do Egito, adota os hebreus como propriedade particular, obrigando-os a seguir cegamente os seus mandamentos (Ex. 19:3 e 6).

Depois da praga do sangue, "Deus", desta vez, inventou um método ainda mais, e terrivelmente, eficaz: a praga das rãs! Estas cobriram as águas do Egito, vindas do rio. "Foi um Deus nos acuda", só que ele não podia acudir porque estava ocupado com suas maldades...

Resolveram Deus, Moisés e Arão, numa assembléia sinistra, eliminar as rãs, porquanto o Faraó, sempre acolitado pelos poderosos magos, não cedia um milímetro na sua decisão de não permitir o êxodo dos hebreus.

As rãs foram juntadas aos montões, e a terra cheirou mal. (Êx. 8:14). Ainda assim, o Faraó não arredou pé de sua decisão. "Deus", então, arquitetou outra praga - a dos piolhos! (que imaginação fértil e alucinada de "Deus"!)

Disse o "Senhor" a Moisés: "Dize a Arão: Estende sua vara (a negra vara mágica), e fere o pó da terra do Egito" (Êx.8:16).

Arão cumpriu a ordem de "Deus" e, com sua vara mágica, feriu o pó da terra, "havia muitos piolhos nos homens e no gado; todo o pó da terra se tornou em piolhos em toda a terra do Egito".

Então disseram os magos ao Faraó: isto é o dedo de "Deus" (Êx. 8:19). Se o dedo é capaz de criar piolhos do pó, avalie, caro e estarecido leitor, o que poderia criar "Deus" se usasse a sua mão. Ia ser uma carnificina, uma hecatombe.

Mas, vamos adiante com as diatribes e perversidades de "Deus", querendo forçar o Faraó a deixar que o "povo eleito", partisse das terras do Egito.

Depois das rãs, dos piolhos, vem a praga das moscas (a que ponto chegou "Deus", meu Deus!). "Deus" recomenda a Moisés que fosse à presença do Faraó e, solenemente, o advertisse: "Se não deixares ir o meu povo, eis que enviarei enxames de moscas sobre ti, e sobre os teus servos, e sobre o teu povo, e às tuas casas..." (Êx. 8:20 e 21).

Como o Faraó permanecesse inamovível em sua decisão, mesmo diante daquelas pragas nojentas e ridículas promovidas por "Deus", "Vieram grandes enxames de moscas à casa do Faraó, e às casas de seus servos, e sobre toda a terra do Egito; a terra foi corrompida destes enxames (Êx. 8:24).

Entretanto, "Deus" poupou o "seu povo", que habitava a terra de Gosen, no Egito. Esse, que ele queria livrar, a qualquer custo, das amarras da servidão, utilizando-se de métodos pra lá de estranhos. Dir-se-ia que "Deus" perdera o juízo, afrontando os egípcios que deveriam ser, também, seus filhos (ou eram geração espontânea?) com aberrantes e nauseabundas pragas.

Apesar da praga das moscas, o Faraó não cedeu. Aí, "Deus" não se conteve em sua ira. Imaginou, diabolicamente, desta vez, descer sua mão (resolveu usar a mão e não o dedo) sobre os pobres e indefesos animais (cavalos, jumentos, camelos, bois, ovelhas). E todos eles foram dizimados, sem dó nem piedade. Os animais dos israelitas, é claro, nada sofreram... (Êx. 9:3 a 6).

Diante da chacina dos animais (chacina divina), o Faraó não se abalou. Frente à indiferença do monarca egípcio, "Deus" já não sabia mais para quem apelar.

De repente, atravessou a sua mente doentia, fazer descer sobre o povo do Egito uma outra praga - a das úlceras! (Misericórdia!!!).

Por determinação divina, Moisés e Arão, "tomaram cinza do forno, e puseram-se diante do Faraó, e Moisés a espalhou para o céu; e tornou-se em sarna, que arrebatava em úlceras nos homens e animais". (Êx. 9:8,9,10,11).

NOVAS AMEAÇAS DE "DEUS"

"Deus", cansado de tantas e infrutíferas tentativas para demover o Faraó de sua disposição de não permitir o êxodo do povo hebreu, "revelou" a Moisés e a Arão: "Eis que amanhã farei chover saraiva (granizo, pedra), qual nunca houve no Egito, desde o dia em que foi fundado até agora". (Êx. 9:18).

Em seguida, "Deus" mandou que Moisés estendesse a sua mão para o céu, e tudo estremeceu: trovões e saraiva, e fogo corria pela terra; "e o "Senhor" fez chover saraiva sobre a terra do Egito (Êx. 9:22 e 23).

Foi como que um furacão passasse pela terra do Egito: tudo quanto havia no campo, desde os homens até os animais, toda a erva, e árvores foram sumariamente destruídos. Somente a terra de Gosen, onde estavam os filhos de Israel, não foi destruída pelos granizos (Êx. 9:25 e 26).

Ainda assim, o Faraó não consentiu o êxodo dos "filhos de Israel". Aí, "Deus" apelou para os gafanhotos. Como sempre, Moisés estendeu sua vara (que vara, heim!) sobre a terra do Egito, e vieram os gafanhotos. Os ortópteros arrasaram com as plantações dos egípcios, ou, pelo menos, o que sobrou da saraiva (Ex.10:12,13,14 e seguintes).

Antes dessa praga, nunca houve nada igual, nas paragens já arrasadas pelas pragas do "Senhor". O Faraó não cedeu. "Então disse o 'Senhor' a Moisés: "Estende a tua mão para o céu, e virão trevas sobre a terra do Egito, trevas que se apalpem" (Êx.10:21). As trevas, pois, desceram sobre as terras do Egito, trevas espessas, por três dias. Ninguém via ninguém, a não ser, como sempre, os filhos de Israel que "tinham luz em suas habitações". (Êx. 10:22 e 23).

Mais uma vez, o Faraó não permitiu o êxodo dos filhos de Israel. "Deus", então, fez descer sobre o já destruído Egito, a última praga - A MORTE DE TODOS OS PRIMOGÊNITOS!

Disse o "Senhor" a Moisés, com aquela imaginação fértil que ele se deu: "E todo o primogênito na terra do Egito morrerá, desde o primogênito do Faraó, que se assenta com ele sobre o seu trono, até o primogênito da serva que está detrás da mó, e todo o primogênito dos animais". (Êx. 11:5).

E disse mais o "Senhor" a Moisés: "E haverá grande clamor em toda a terra do Egito, qual nunca houve semelhante e nunca haverá". (Ex. 11:6). "E não havia casa em que não houvesse um morto" (Êx. 12:30).

Em apenas poucas páginas, e já perdi a conta de tantas mortes, perpetradas por "Deus". Mortes terríveis. Será que esse "Deus" julgava, insensatamente, que a morte é um castigo? E desconhecia que o ser

espiritual lhe sobrevive, porque eterno? Esse "Deus" que cria e mata, menos os israelitas, é um "Deus" impiedoso e discriminador, que bem poderia competir com os grandes genocidas da História da sofrida Humanidade.

E ainda achava que praticava maravilhas (Êx. 11:9), ao trucidar as populações indefesas em que sempre incluía os pobres e inocentes animais.

Finalmente, o Faraó deixou que Moisés e Arão levassem o povo de Israel das terras do Egito após quatrocentos e trinta anos de cativeiro. (Êx. 12:30 e 40).

E o "Senhor" ia adiante dos fugitivos israelitas, "de dia numa coluna de nuvem e de noite numa coluna de fogo, para os iluminar". (Êx. 13:21).

Adiante, porém, e maquiavelicamente, disse o "Senhor", a Moisés: Eu endurecerei o coração do Faraó, para que os persiga (Êx. 14:4). E assim o fez. O Faraó, realmente, endureceu seu coração e se arrependeu de ter permitido a saída dos israelitas.

Enviou, então, seus exércitos para eliminar os fugitivos. Supondo ser verdadeiro o episódio, por que "Deus" proferiu (e perpetrou) tamanho absurdo? Ele, afinal de contas, estava contra ou a favor dos israelitas? Ou ele queria ter um motivo para, com o seu "poder", trucidar, de uma vez por todas, os egípcios? Tanto que, lenda ou não, ao passarem os israelitas pelo mar fendido pela vara mágica de Moisés, matando os egípcios, ele se fechou. Disse o "Senhor", a propósito a Moisés: "Estende a tua mão sobre o mar, para que as águas tornem sobre os egípcios, sobre seus carros e sobre seus cavalos". (Êx. 14:26)... "nem ainda um deles ficou" (Êx. 14:28).

Desse modo milagroso, "Deus" livrou o povo de Israel do jugo dos egípcios. As técnicas de que se utilizou foram, realmente, delirantes, especialmente a carnificina que promoveu, através das poderosas varas mágicas de Moisés e de Arão. Ainda em Êxodo 12, insere-se a "Instituição da primeira páscoa"!

Sinceramente, não entendi o significado dessa páscoa. Aliás, "Deus" não explica o seu porquê. Ele apenas disse a Moisés e Arão que a cerimônia pascal (que é, em verdade, o sacrifício de um cordeiro) seria celebrada no décimo quarto dia do primeiro dos meses do ano (Êx. 12:6).

O cordeiro devia ser comido assado, com pães asmos (sem fermento) e ervas amargas. Este foi, por sinal, o cardápio da chamada "última ceia" de Jesus.

De um momento para o outro, "Deus" interrompe as suas prescrições culinárias e anuncia que passaria pelas terras do Egito e feriria todo o primogênito (lembra-se, leitor, da tal praga?), desde os homens até aos animais..." (Êx. 12:12). Foi desse genocídio que nasceu a páscoa!

Se esses episódios fizessem parte de algum escrito de autoria de um louco, seria compreensível....E a violência continua.

Mais tarde, 'Amaleque peleja com os israelitas: "Então veio Amaleque e pelejou contra Israel em Refidim". (Êx. 17:8 e 9).

Moisés, diante da ameaça beligerante de Amaleque, manda-lhe ao encontro Josué à frente de um exército, avisando que, no dia do combate, ele estaria sobre um monte (outeiro) com aquela terrível e mandrakeana vara nas mãos.

Quando começou a batalha, Moisés levantava a tal vara, e Israel tinha vantagem sobre os inimigos; mas, ao abaixar a vara, os inimigos adquiriam, imediatamente, supremacia. Assim aconteceu – ao levantar a vara, Israel ganhava, e ao baixar a vara (porque Moisés não tinha forças para deixá-la permanentemente erecta), os seguidores de Amaleque eram vitoriosos. E ficou nessa "pendenga", desce vara e sobe vara, até

que Arão e Hur sustentaram as mãos de Moisés, um numa banda, e outro da outra. Assim ficaram as suas mãos firmes e a vara suspensa até que o sol se pôs". (Êx. 17:8 a 12).

O resultado foi que Amaleque e o seu povo foram passados a fio de espada (degolados), graças a "Deus"! (Êx. 17:13 a 14). Finalmente, "Deus" jurou que haveria permanente guerra contra os descendentes de Amaleque, agindo como nós agimos quando rogamos pragas aos nossos desafetos. É o "Deus" humanizado, expressando ódio, rancor, ressentimentos...

Mas, vamos adiante, jornadaando pelos caminhos do absurdo e da insensatez.

Certa feita, o midianita, Jetro ou Jeter, sacerdote de Mídia, sogro de Moisés, porque este se casara com sua filha Séfora, sabedor dos feitos de "Deus" contra os egípcios, resolveu visitar o genro. Alegre pelo que "Deus" fez em benefício do povo de Israel, esmagando os egípcios, promoveu "holocausto e sacrifícios para 'Deus'" (Êx. 18: 1 a 13).

Em seguida, destaca-se uma história bastante singular. "Moisés fala com "Deus" no Monte Sinai". "Deus" mantém, aí, um diálogo com Moisés (!). E ele disse ao legislador hebreu: "Eis que virei a ti numa nuvem espessa, para que o povo ouça, falando eu contigo..." (Êx. 19:9).

E "Deus" garantiu a Moisés que, ao terceiro dia do encontro entre ambos, desceria diante dos olhos de todo o povo sobre o Monte Sinai, solicitando a Moisés que marcasse limites ao povo ao redor do monte. "Todo aquele que tocar no monte", ameaçou o 'Senhor', certamente morrerá". (Êx. 19:12)

E prosseguiu:

"Nenhuma mão tocará nele (no monte), porque certamente será apedrejado ou aseteado; quer seja homem ou animal ("Deus" sempre incluía os pobres e inofensivos animais na manifestação de sua ira) não viverá; soando a buzina longamente, então, subirão ao monte (Êx. 19:13).

Ah! Os varões não podiam manter relações sexuais com mulher, até o momento de sua descida ao monte.

E ao terceiro dia, ao amanhecer, houve trovões e relâmpagos sobre o monte, e uma espessa nuvem e um somido de buzina muito forte, de maneira que estremeceu todo o povo que estava no arraial (Êx. 19:15 e 16).

"E todo o Monte Sinai fumegava, porque o 'Senhor' descera sobre ele em fogo; e o seu fumo subiu como fumo de um forno, e todo o monte tremia grandemente. "E o somido da buzina ia crescendo em grande maneira; Moisés falava e 'Deus' lhe respondia em voz alta.

"E descendo o 'Senhor' sobre o Monte Sinai, sobre o cume do monte, chamou Moisés; e Moisés subiu". (Êx. 19:15,16,17,18,19,20).

Mais uma vez "Deus advertiu que o povo não devia se aproximar do monte, "a fim de muitos deles não perecerem".

DÚVIDAS SOBRE ONDE FICAVA O SINAI E SE OS ISRAELITAS LÁ ESTIVERAM

Indaga-se, em princípio, estiveram os israelitas, após fugir do Egito, no MONTE SINAI?

O nome Sinai é derivado do hebreu (Sarça). Pode também ser um adjetivo, referindo-se ao culto ao deus Sin (deus lunar), naquele lugar. A tradição coloca o Sinai na península do Sinai, mas uns optam pelo Gebel subãl, outros pelo Gebel musa, dois cumes da serra no sudoeste da península.

Não é possível, porém, verificar essa tradição na base de dados bíblicos, ainda mais porque devemos contar com a possibilidade de os israelitas, no seu êxodo, não se terem dirigido para o sul (a península) mas para o oriente (Cadés). Há, ainda, os argumentos dos estudiosos da Bíblia que querem colocar o Sinai ao leste do golfo de Akaba. (Maiores esclarecimentos, vide o "Dicionário Enciclopédico da Bíblia - Ed. Vozes).

OS DEZ MANDAMENTOS

Os dez mandamentos são atribuídos a "Deus", supostamente enunciados por Moisés. Ei-los:

"Eu sou Javé, teu Deus, que te tirei do Egito, da casa da escravidão. Não terás outros deuses diante de mim (Êx. 20)(1). Não criarás ídolos, nem imagens de coisas que estão no alto dos céus ou aqui embaixo na Terra ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles e não os adorarás, porque eu, Javé, teu Deus, sou um Deus zeloso, que vinga a iniquidade dos pais nos filhos até as terceira e quarta gerações, e que usa de misericórdia, até mil gerações, com aqueles que me amam e que observam meus mandamentos" (Javé queria exclusividade: ou o adoravam ou eram eliminados!).

"Não tomarás o nome de Javé, teu Deus, em vão, porque Javé não deixa sem punição aquele que tomar em vão o nome de Deus.

Observa o dia de sábado para santificar os dias e farás neles todo o teu trabalho, mas o sétimo é um dia de repouso consagrado a Javé, teu Deus. Nele não farás obra nenhuma, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu escravo, nem tua serviçal, nem teu boi, nem teu asno, nem qualquer de teus animais, nem o peregrino que está dentro de tuas portas, porque, em seis dias, Javé fez os céus, a Terra, o mar e tudo quanto nele existe e repousou no sétimo dia (certamente exausto, coitado!). Eis porque Javé abençoou e santificou o sábado (que naturalmente já existia quando Javé criou os céus, a Terra, o mar, etc!).

Não matarás; não cometerás adultério; não furtarás; não levantarás falso testemunho contra teu próximo, nem teu escravo, nem tua serviçal, nem teu boi, nem teu burro, nem nada que te pertença.

Não cobiçarás a casa de teu próximo. Não cobiçarás a mulher de teu próximo".

Parece que Javé apenas catalogou os naturais defeitos do homem, no exercício de suas inferioridades.

E nada mais!

Afirma o historiador Félicien Challaye que é impossível que Moisés seja o autor do Decálogo. Nem tão pouco Deus!, pois, ao contrário do que realmente acontecia, supõe um povo que possuísse bois, que trabalha nos campos, vive em casas com portas, situadas em cidades fechadas por muros, ou seja: um povo sedentário vivendo da agricultura. O Decálogo, enfim, contém ideias e locuções que pertencem ao modo de falar e de pensar do Deuteronomio ou então do Código Sacerdotal.

(1) Javé era dominado pela ideia (fixa) de que seria traído pelo seu povo. E assim aconteceu várias vezes. Em tais situações a ira de Javé era terrível, eliminando, sem piedade, todos os que renegaram para adorar outros deuses.

O Decálogo foi inserido, posteriormente, no Antigo Testamento. Ele só aparece na literatura israelita pelo século VII. Ora, se se considerar seu conteúdo, verifica-se que ele reflete, precisamente, as ideias e as instituições da época.

E a lei de Causa e Efeito, que rege, na verdade, todas as ações humanas neste plano e no além?

Será que "Deus" desconhecia essa inteligentíssima Lei? Ela é abrangente, profunda, pedagógica, e se operacionaliza a partir do momento em que o homem exerce o seu livre arbítrio no contexto social. Qualquer ato praticado, justo ou injusto, gera conseqüências que o indivíduo tem que, responsabilmente, assumir. Não foi sem razão que Jesus sentenciou, sabiamente: A CADA UM SEGUNDO AS SUAS OBRAS!

E A VIOLÊNCIA CONTINUA

Em Êxodo, 21:24,25, "Deus" prescreveu o "olho por olho dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe".

Esse é o "Deus" venerado por milhões de pessoas em várias partes do Planeta. (Ele jamais receberia o Prêmio Nobel da Paz!)

Eu não compreendo que tal "divindade" possa existir, a não ser na mente delirante de Moisés. Ainda bem que Jesus, percebendo que a sentença acima era (e é) um absurdo, reforma-a inteiramente quando diz, em Mateus 5:38 e seguintes. "Ouviste que foi dito (o "Deus" de Moisés disse): olho por olho, e dente por dente. "Eu porém vos digo que não resistais ao mal". E , adiante: "Amai os vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem".

E, em Lucas 6:27: Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam; e sereis filhos do Altíssimo, porque é benigno até para com os ingratos e maus (6:35).

Deus, então, surge nos Evangelhos completamente diferente daquele "Deus" mosaico. Este é impiedoso e cruel, institui o torpe primado do ódio por ódio. Ele incentiva o homem à vingança, à luta fratricida. O Deus de Jesus é inteligente: recomenda que amemos aos nossos inimigos e oremos por eles.

Assim, não se legitima o ódio, porque este é vencido pelo amor e pela oração.

E ainda dizem que o Antigo Testamento é a palavra de Deus; não é, certamente. É a palavra de Moisés, que, inteligentemente, inventou um "Deus" que foi útil aos seus propósitos de apaziguar os ânimos de seus contemporâneos, daqueles indivíduos que, de certa forma, usufruíam de alguma segurança no âmbito da Sociedade egípcia e que, de repente, se viram errando, sem destino certo, famintos, desesperados, pelos desertos e montanhas inóspitas...

DEUS PEDE OFERTAS PARA O TABERNÁCULO

"Deus", falando a Moisés (até agora eu não sei como ele falava a Moisés), pede que os filhos de Israel lhe tragam ofertas. E estipula as ofertas: ouro, prata e cobre, peles de carneiro, linho fino, madeira de setim etc. (Êx. 25:2 e seguintes). Com estes e outros apetrechos, dever-se-ia construir um santuário, a fim de ele ("Deus") habitar nele. E essa falsa divindade mostra como se deve construir o tabernáculo: lugar onde se guardariam a arca e as tábuas da lei.

Também ordena que se faça uma arca de madeira de setim. "O seu comprimento, 'orienta', será de dois côvados e meio, e a sua largura de um côvado (1) e meio, e de um côvado e meio a sua altura". A arca devia ser coberta de ouro puro, por dentro e por fora, fazendo-se sobre ela uma coroa de ouro. Seriam fundidas

quatro argolas de ouro, que seriam postas nos quatros cantos da arca. Essas argolas seriam atravessadas por varas cobertas de ouro, usadas para transportar a riquíssima e reluzente arca. Ouro! Ouro! Ouro!...

Além da arca, deveria ser construído um propiciatório (tampa que deveria cobrir a arca), bem como dois querubins de ouro ("Deus adorava o ouro!) que seriam postos nas duas extremidades do propiciatório. Este seria posto sobre a arca. E outros apetrechos de ouro puro foram feitos sob as ordens de "Deus", incluindo um candelabro de sete braços (2).

Dever-se-iam confeccionar cortinas de linho fino, azul e púrpura, destinadas ao tabernáculo. Enfim, foram construídos, além dos artefatos já citados, vários outros apetrechos, como o véu do tabernáculo e o altar dos sacrifícios. E "Deus" nomeou sacerdotes Arão e a seus filhos, para administrarem os ofícios sacerdotais.

Depois de explicar como se deveriam realizar as cerimônias de consagração, "Deus" ordenou que fossem trazidos um novilho e dois carneiros para o sacrifício. E que sacrifício! Disse "Deus" a Arão e a seus filhos: "Degolarás o novilho perante o Senhor, à porta da tenda da congregação. Depois, tomarás do sangue do novilho e o porás com o teu dedo (o dedo de Arão) sobre as pontas do altar. Todo sangue restante derramarás à base do altar. Também tomarás toda a gordura que cobre as entranhas, e o redenho de sobre o fígado, e ambos os rins, e a gordura que houver neles, e queimá-los-ás sobre o altar".

Ou esse "Deus" era um Espírito brincalhão, zombeteiro, ou era o próprio Moisés que impunha àquele povo ignorante tais e aberrantes práticas. Será que Deus, o verdadeiro Deus, iria mandar construir um lugar, arca, tampa de arca, querubins etc para ali ser adorado pelos israelitas, mediante estúpidos sacrifícios? Que você, leitor, tire suas conclusões sobre esses inusitados episódios,

Em seguida, vem aquela história do sábado. "Guardareis o sábado", disse Deus a Moisés, "porque santo é para vós; aquele que o profanar certamente morrerá; porque qualquer que nele fizer alguma obra, aquela alma será extirpada do meio do seu povo." (Êx. 31:14).

"Seis dias se fará obra; porém, o sétimo dia é o sábado de descanso, santo ao Senhor; qualquer que no dia do sábado fizer obra, certamente morrerá."

"Guardarão o sábado os filhos de Israel, celebrando o sábado nas suas gerações por concerto perpétuo."

"Entre mim e os filhos de Israel será um sinal para sempre; porque em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, e, ao sétimo, descansou, e restaurou-se". (Êx. 31:12 a 18).

Mais tarde, com o advento de Jesus, este, com suas atitudes irreverentes, investe contra esse preceito de "Deus", que manda guardar o sábado, sob pena de o infrator ser condenado à morte. E disse sabiamente Jesus aos fariseus: "O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado". (Marcos, 2:23 a 27).

Quanto aos seis dias que "Deus" levou para fazer o céu e a Terra, descansando no sétimo, quando "descansou e restaurou-se", é incrível! Dir-se-ia que a gente está face a face com um monumental embuste.

Que "Deus" é esse que se cansa e que precisa descansar para restaurar as suas forças? Que "Deus" é esse que cria os céus e a Terra em apenas seis dias?

(1) Côvado - unidade de comprimento usado à época de Moisés, baseada na distância que separa o cotovelo da extremidade do dedo médio: 0,64968 m.

(2) Candelabro de sete braços (hebreu: m nōrāh) cujas lâmpadas deviam queimar, incessantemente, diante de Javé, no Santuário (Êxodo 27:20; Levítico 24,3).

Onde ele estava, se não havia céu? E a evolução planetária (de que nos fala a ciência), que dista, anteriormente, do Êxodo, milhões de anos?

E todo mundo se cala diante desses disparates. E até consideram o Antigo Testamento absolutamente sagrado, intocável, sendo seguido, pelo menos neste Brasil "terceiro mundista", à risca, menos no que diz respeito aos sacrifícios humanos e de animais exigidos, outro rã, por "Deus".

Por que os "israelitas" brasileiros não cumprem, também, esses rituais macabros que tanto deliciava o Deus de Moisés?

O "BEZERRO DE OURO"

Enquanto Moisés estava ocupado conversando com "Deus", no Monte Sinai, Arão, seu irmão, o traía.

Atendendo aos reclamos do povo, que queria adorar outros deuses, mandou que arrancassem os pendentes de ouro das orelhas de mulheres e homens, e fundiu um bezerro, edificando-lhe um altar, onde o povo ofereceu sacrifícios (Êx. 32:2 e seguintes).

Moisés, descendo com as tábuas do testemunho, deparou com o culto ao bezerro. Ficou enfurecido. Quebrou as tábuas ao pé do monte. Tomou o bezerro e queimou-o ou o derreteu. Depois, ordenou uma generalizada matança. Foram três mil homens chacinados por ordem de Moisés, com a aprovação de "Deus". E nas tábuas da lei, "Deus" com o seu dedo (!), escreveu: não matarás! Ah!... Arão, irmão de Moisés, foi poupado...

CAPITULO III

O TERCEIRO LIVRO DE MOISÉS – LEVÍTICO

SACRIFÍCIOS

Estou diante do terceiro livro de Moisés, chamado Levítico.

Logo em seu "caput", fala-se em holocausto. "Deus" chamou (chamou como?) Moisés, e falou com ele do tabernáculo: "Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: quando algum de vós oferecer oferta ao Senhor, ofereceis as vossas ofertas de gado, de vaca e de ovelhas" (Lev. 1 e 2). "Deus" exigia que o gado devia ser sem manchas. "Deus" foi trazido à Terra por Moisés, que o fez amante do ouro e de terríveis sacrifícios. A que se reduziu o pobre Deus. A um ser ambicioso e sanguinário, nivelando-se à sua criação. Criador e criatura, ambos presas das paixões, das maldades, da cobiça, da vaidade...

Nessas alturas, pergunto a mim mesmo: por que esse "Deus" foi e é tão venerado pelos homens, há séculos? Será que eu estou vendo o que eles não viram ou não quiseram ver? Será que eu me encontro isolado quanto a essas interpretações? Há alguém, neste mundo, que perceba que o "Deus" de Moisés é o próprio Moisés?

Ainda sobre sacrifícios de animais, "Deus" solicitou a Moisés que se o holocausto fosse de aves, "Ele" preferiria rolas e pombinhas. Que delicadeza!...

E o sacerdote as oferecerá sobre o altar, e lhes torcerá o pescoço com a sua unha (cruzes!), e as queimará sobre o altar; e o seu sangue será espremido na parede do altar. (Lev. 1:15). Misericórdia!...

Coitadas das rolas e das pombinhas... Serem assim trucidadas por ordem de "Deus"... Pra quê? Por quê? Que pode esse "Deus" usufruir da morte desses indefesos bichinhos?

Nos versículos seguintes, "Deus" ainda recomenda outras barbaridades contra as avezinhas, cujos despojos eram queimados sobre o altar (parece macumba). Holocausto é oferta queimada, de cheiro suave ao Senhor.

E as ofertas de manjares? Será que "Deus" comia as iguarias que ele solicitava? Ou apenas aspirava os seus odores, expelidos quando queimados?

De uma forma ou de outra é algo que raia à insanidade!

E pelos diversos versículos do Levítico, os sacrifícios se sucedem: são os sacrifícios pelos erros dos sacerdotes, pelos erros do povo, pelos erros de qualquer pessoa, pelo sacrilégio, pelos pecados e ignorância, sacrifício pelos pecados voluntários... Haja sacrifício!

Mais tarde, desponta o sacrifício de Nadabe e Abiú, filhos de Arão, mortos carbonizados no altar dos holocaustos. Então saiu fogo diante do Senhor e os consumiu; e morreram perante o Senhor (Lev. 10:2). O que lucrou "Deus" com o insano sacrifício dos jovens Nadabe e Abiú, sobrinhos de Moisés?

Os judeus foram, séculos mais tarde, queimados, em holocausto, nos fornos dos campos de concentração nazista, durante a 2ª Guerra Mundial. Porque o "Deus" de Abraão e de Moisés não interferiu, violentamente, defendendo o "Seu" povo, como fazia antigamente?

Teria sido "carma", diante dos constantes genocídios que, no passado, promoveram os judeus, mancomunados com "Deus"? Ou não existiu nenhum "Deus" e tudo decorreu dos delírios alucinados de Moisés, um refinado psicopata, que se comprazia em matar, matar, matar, matar sempre, sem piedade, inventando que "Deus" assim o exigia?

Penso que não há outra maneira de se entender a carnificina até agora constatada nos primeiros três livros atribuídos a Moisés. No que ainda acontece adiante, nos dois livros restantes, "Números" e "Deuteronomio" observa-se que a Humanidade herdou, dos confins das épocas escriturísticas, um "Deus" asqueroso, repugnante, que, patologicamente, adorava SANGUE, muito SANGUE, sempre jorrando, abundante, de seres humanos, novilhos, carneiros, cabras, rolinhas, pombinhas e outros bichos...

"DEUS" CRIA O RITUAL CABALÍSTICO DO BODE EXPIATÓRIO

O episódio está escrito em Levítico 16:3 e seguintes.

Arão, após a morte estúpida de seus jovens filhos, procedia, por orientação de "Deus", à execução de dois bodes (bodes expiatórios).

Esclareceu o sanguinário "Deus", a Arão: "Tomarás ambos os bodes, e os porás perante o Senhor, à porta da tenda da congregação".

Ainda por recomendação "divina", Abraão deveria lançar sortes sobre os bodes. Que significa lançar sortes? Usavam-se os búzios àquela época?

Arão lança sortes sobre os animais: uma sorte para o "Senhor", e outra sorte pelo bode expiatório. O bode sobre o qual caiu a sorte pelo "Senhor" será oferecido para expiação dos pecados, sendo apresentado, vivo, perante "Deus", para fazer expiação com ele.

Arão põe ambas as mãos sobre a cabeça do bode vivo, e, sobre ele, confessa todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, segundo todos os seus pecados; e enviá-lo-á ao deserto, pela mão de um homem designado para isso (Lev. 16:21).

Assim, aquele bode levará, sobre si, todas as iniquidades deles (filhos de Israel) à terra solitária. (Lev. 16:22). Parece ritual de magia negra que se fazia na Babilônia, onde, também, se matava um cordeiro e, em suas entranhas, eram postos pergaminhos em que se inscreviam as iniquidades dos filhos da Babilônia. Daí aquela expressão, astutamente adaptada: Cordeiro de "Deus" (ou bode de "Deus") que tirai os pecados do Homem. Há quem pense que a expressão é devida ao sacrifício de Jesus, na cruz infamante, quando tirou os pecados do Homem (!)

Ele é O BODE EXPIATÓRIO que a religião impôs às sucessivas gerações, até o nosso tempo (e tempos vindouros).

Você, leitor, deve estar pensando que as loucuras terminaram. Ledo engano! Ei-las aí, presentes, levando a Humanidade a aceitar um "Deus" que, através de rituais ligados à magia negra, dava lugar às suas perversões.

Concluindo a análise sobre os absurdos de Levítico (26:2 e seguintes), "Deus" adverte que se os filhos de Israel não guardarem os seus estatutos e mandamentos, ele faria descer sobre eles o terror, a tísica (tuberculose) e a febre ardente, que consumam os olhos e atormentam a alma; e semeariam inutilmente as suas sementes. E prometeu pragas e pestes enviando feras para liquidar os rebanhos. E o pior: faria com que eles comessem a carne de vossos filhos e de vossas filhas. E não parou aí a IRA CHANTAGISTA de "Deus": ele assolaria os santuários, a Terra e as cidades e VOS ESPALHAREI ENTRE AS NAÇÕES (É DAÍ QUE SE ORIGINOU A DIÁSPORA?, ISTO É: A DISPERSÃO DOS JUDEUS PELA FACE DA TERRA?).

Depois de tantas ameaças, quem não seguiria, à risca, os estatutos e mandamentos desse "Deus"?

É o primado da DITADURA DIVINA: ou obedece ou morre! E aí está a prova que a maioria dos filhos de Israel não ia muito com a "cara" desse "Deus".

Por isso, a adoração do tal "bezerro de ouro", tão logo os israelitas pensaram que Moisés não voltaria do Sinai. Os "transgressores", ao se verem livres do "jugo divino", exercido através de Moisés, caíram na gandaia, evidenciando que "adoravam" aquele "Deus" por causa das duras e cruéis ameaças que se lhes impunha.

CAPITULO IV

O QUARTO LIVRO DE MOISÉS – NÚMEROS

ANJOS ASSASSINOS

Há várias passagens em Números relativas a rebeliões contra "Deus" e Moisés. Em Números (16:2 e seguintes), registra-se:

Core, filho de Izar, filho de Coate, filho de Levi, tomou consigo a Data, e a Abirão, filhos de Eliabe, e a Om, filho de Pelete, filho de Ruben, e levantaram-se perante a Moisés com duzentos e cinquenta homens dos

filhos de Israel. E se congregaram contra Moisés e Arão, e lhes disseram: demais é já, pois que toda a congregação é santa, todos eles são santos, e o "Senhor" está no meio deles; por que, pois, vos elevais sobre a congregação do Senhor?

E disseram revoltados a Moisés: Nos fizeste sair de uma terra que mana leite e mel (o Egito), para nos matares neste deserto, de que se torna maior que todos nós. Esta terra em que estamos não oferece nenhuma condição de sobrevivência. Então Moisés irou-se muito, assim como fazia o "Chefão". Mais adiante, já no capítulo 16:31, os insurretos foram brutalmente castigados por iniciativa da ditatorial divindade. Moisés mandou que eles se reunissem, com suas famílias, em determinado local. E a terra abriu a sua boca, e os tragou com as suas casas, como também a todos os homens que serviam à casa de Core, e a toda a sua fazenda (Num. 16:32).

E eles e tudo que era seu desceram vivos ao sepulcro, e a terra os cobriu e pereceram (Num. 16:33). E toda Israel fugiu, presa do medo de também ser tragada pela terra (Num. 16:35), quer dizer: Todo seu povo enterrado vivo!

Então saiu fogo do Senhor, e consumiu os duzentos e cinquenta homens dos filhos de Israel que acompanhavam Core (Num. 16:35). Parece que esse "Deus" foi o inventor do lança chamas. Grande invenção!

No dia seguinte, toda a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e contra Arão, dizendo: Vós matastes o povo do Senhor!

Sempre em defesa intransigente de Moisés, seu cúmplice nas reiteradas matanças, "Deus" fez cair sobre os filhos de Israel arrasadora praga.

E os que morreram daquela praga foram QUATORZE MIL E SETECENTOS, fora os que morreram por causa de Core (Num. 16:49). O prezado leitor já contou, até agora, quantos seres humanos e animais foram eliminados por "Deus"?

Ao longo do Pentateuco, observa-se que ninguém, efetivamente, podia se insurgir contra Moisés. O castigo que "Deus" impunha aos israelitas rebeldes era implacável, cruel, odioso. "Deus" matava velhos, mulheres e crianças de praga, degolados, cremados e outros procedimentos não menos abomináveis.

A história, dolorosamente, iria se repetir tempos depois, quando os descendentes dos filhos de Israel foram barbaramente cremados nos fornos dos campos de concentração, por ordem do todo poderoso "Deus" dos filhos da Alemanha...

Apesar da severa repressão imposta pelo "divino" ditador, as rebeliões não cessaram. Com a morte, por desidratação, de Miriã, no deserto, o povo se revoltou e se voltou, mais uma vez, contra Moisés e Arão. O povo contendeu com Moisés desabafando, desesperadamente: Oxalá tivéssemos morrido quando morreram nossos irmãos! Quanta amargura nestas palavras!

OS ISRAELITAS DESTROEM OS CANANEUS

Este é o título do capítulo 21 de Números, onde se relata a vitória do rei cananeu sobre as tropas de Israel. Impotentes diante do poderoso inimigo, os filhos de Israel rogaram auxílio ao "Senhor". Este atendeu, de pronto, e lhes entregou os cananeus, que foram totalmente destruídos, eles e suas cidades; e o nome daquele lugar se chamou Horna, em hebreu hormáh: fenda na rocha (Num. 21:2 e 3). O problema de "Deus" era matar, fosse israelita ou outro qualquer povo.

AS SERPENTES ARDENTES E A SERPENTE DE METAL

Então o povo israelita partiu do Monte de Hor, pelo caminho do Mar Vermelho, a rodear a terra de Edom; porém, a alma do povo angustiou-se neste caminho. (Num. 21:4). E o povo caiu na asneira de falar contra "Deus" e contra Moisés: por que fizeste subir do Egito (o tempo todo os israelitas mostravam o seu arrependimento de terem saído das terras do Faraó), para que morrêssemos neste deserto? Pois aqui nem pão e nem água há.

Então, o "Senhor" mandou entre o povo serpentes ardentes, que morderam o povo; E MORREU MUITO POVO DE ISRAEL!

Esse "Deus", realmente assopra e mata. Antes, defendia os filhos de Israel; depois os destruiu cruelmente, porque, com justa rebeldia, foram levados àquela louca aventura por Moisés, a mando de um "Deus" que, verdadeiramente, nunca existiu. É criação da mente fértil de Moisés, que, por sinal, aprendeu com o sogro Jetro, uma série de notáveis prestidigitações. A verdade é que Moisés, quando se sentia interpelado pelos seus patrícios, reagia brutalmente, mandando-os matar. O que escreveu distorce os fatos.

Tenta criar espécies singulares de alegorias, com o intuito de confundir os da sua gente e os que viessem a tomar conhecimento da sua sangrenta história.

BALÃO E A JUMENTA "MÉDIUM"

Ainda em Números 22, conta-se a história de Balaão e sua jumenta falante. É um relato estranho, sem-pé-nem-cabeça, chegando a ser ridículo.

Tudo começou quando Balaque, rei dos moabitas, convocou Balaão, filho de Beor, dizendo-lhe, através de mensageiros: "Eis que um povo saiu do Egito: os israelitas: eis que cobre a face da Terra, e parado está defronte de mim. Vem, pois, agora, rogo-te, amaldiçoa-me este povo, pois mais poderoso é do que eu; para ver se o poderei ferir, e o lançarei fora da Terra; porque eu sei que, a quem tu abençoa será abençoado, e a quem tu amaldiçoares será amaldiçoado." Balaão prometeu aos mensageiros de Balaque que iria consultar o "Senhor".

E veio "Deus" a Balaão, e disse: "Quem são estes homens que estão contigo?"

A esse "Deus" que não tinha o poder de saber quem-era-quem, respondeu Balaão: "São os mensageiros de Balaque, filho de Zopor, rei dos moabitas". E repetiu para 'Deus' a mensagem de Balaque.

"Deus", é claro, não permitiu que Balaão atendesse aos rogos do rei dos moabitas. Esta determinação foi transmitida por Balaão aos mensageiros do monarca. Todavia, o rei reiterou o convite. Mais uma vez, Balaão negou-se a atender o pedido veemente de Balaque, alegando, ainda, a proibição de "Deus". Este, porém, voltando atrás, apareceu, à noite, a Balaão (e como apareceu?), e lhe disse: "Se aqueles homens te vierem chamar, levanta-te, vai com eles; todavia, farás o que eu te disser." Então, Balaão, pela manhã, aprontou a sua jumenta, e seguiu viagem para as terras de Balaque, provocando, com esta atitude, a ira de "Deus" (esse "Deus" não garante o que diz; é volúvel ou sempre procura uma oportunidade para matar).

Apareceu, então, um "anjo do Senhor" (um notório obsessivo) armado com uma espada (anjo armado?!), tentando impedir a passagem do séquito. A jumenta que viu o tal "anjo", desviou-se do caminho e embrenhou-se pelo campo. Então, Balaão espancou a pobre (e vidente) jumenta, para fazê-la retornar ao caminho. Mas o "anjo do Senhor" conseguiu passar adiante e encurralou a teimosa e esperta jumenta e o seu

dono. Terminaram, ambos, espremidos contra um muro, quando a jumenta apertou contra a parede o pé de Balaão. Mais uma vez o couro comeu no lombo da inditosa jumenta. Apenas ela via o tal anjo do Senhor. Por isso mesmo que Balaão não entendeu o seu estranho procedimento. Lá pras tantas, após uma peripécia do "anjo", outra vez a jumenta foi espancada por Balaão.

Aí o "Senhor" abriu a boca da jumenta, a qual disse a Balaão:

"Que te fiz eu, que me espancaste estas três vezes?"

E Balaão disse à jumenta: "Por que zombaste de mim. Oxalá tivesse eu uma espada na mão, porque agora te matava". E se estabeleceu um "interessante diálogo" entre Balaão e a jumenta. De repente, Balaão viu o "anjo do Senhor", que estava no caminho, e a sua espada desembainhada, pelo que inclinou a cabeça em sinal de respeito.

O "anjo", então, esclareceu:

"Por que três vezes espancaste a tua jumenta? Eis que eu saí para ser teu adversário, mas a jumenta me viu, e três vezes se desviou de mim. Se ela não se desviasse, eu te teria matado, e a ela deixaria com vida".

E a história se encomprida para além de muitos versículos, naquela linguagem obtusa própria de grande parte de textos cabalísticos. Mas, por que reproduzimos esse episódio em que é figura de destaque uma esperta e falante jumenta? Para mostrar ao leitor o quanto são lendários certos relatos do Antigo Testamento. Ao lado de crimes hediondos, praticados por ordem de "Deus", há passagens realmente ridículas, hilariantes, que amenizam aquele clima de espanto e terror que venho vivenciando ao longo da análise desses livros sagrados!

OS ISRAELITAS SE PROSTITUEM E PRATICAM APOSTASIA

Em Números 25, lê-se: "E Israel deteve-se em Sitim, e o povo começou a prostituir-se com as filhas dos moabitas. E participaram de sacrifícios aos deuses locais, e o povo comeu e inclinou-se aos seus deuses."

Mais uma vez, inúmeras já, a ira do Senhor se acendeu contra Israel. Disse o "Senhor" a Moisés, com o ciúme "lhe roendo as entranhas" e com aquela autoridade de que só "Deus" é investido (para infelicidade do povo):

Toma todos os cabeças do povo, e ENFORCA-OS. É a primeira vez que "Deus" usa esse "inteligente método". Ele normalmente, conforme os relatos bíblicos, utiliza-se de um lança-chamas ou do cutelo. Então, Moisés disse aos juízes de Israel: Cada um mate os seus homens que se juntaram ao Deus Baal-Fegor (1).

Um dos filhos de Israel, condenado à morte por "Deus", levou à presença de Moisés, na congregação, uma das mulheres midianitas. Estava chorando, arrependido. Pedia clemência, diante da matança ordenada por "Deus".

Finéias, filho de Eleazer, filho de Arão, levantou-se do meio da congregação, tomou uma lança na sua mão, e atravessou a ambos, o varão israelita e à mulher, pelas suas barrigas.

(1) Nas regiões Síro-palestineses muitas divindades eram relacionadas com determinados lugares. O povo as imaginava como habitando árvores sagradas, pontes, cumes de montanhas, rochedos. Dava-se lhes o nome de Baal, isto é, "senhor do respectivo lugar".

Será que o jovem guerreiro Finéias tinha tanta força que pôde, de um só golpe, atravessar duas pessoas, pela barriga? Tudo é possível, caro leitor, quando se é movido pelo ódio. Ele fortalece os brutos, revigora o malvado, incentiva o insensato, impulsiona, até, neste Antigo Testamento, o "braço de Deus", levando-o a degolar, a cremar e a enforçar mulheres, moços e velhos, crianças e animais. Não há, neste mundo, quem o tenha superado em atrocidades. Nem mesmo os chefes bárbaros, os inquisidores (onde esse "Deus" plenamente ressurgiu), Hitler e - quem sabe? - algum ditador do futuro...

Eis o balanço das mortes ordenadas por "Deus": VINTE QUATRO MIL! (Num. 25:9). Pergunto: Quantos israelitas sobraram depois de tantas mortes violentas? Às vezes, leitor, sendo testemunha de tantos infortúnios, a minha vista se turva e parece que vejo sangue brotando das páginas desse Antigo Testamento. É um sangue que, apesar de ancestral, ainda preserva uma cor viva, com reflexos faiscantes. Dir-se-ia, então, que ele continua ali, naquelas páginas, como que a denunciar, à Humanidade, aqueles tempos de horrores. E não me venham com esfarrapados eufemismos e interpretações metafóricas, tentando, destarte, emprestar aos textos escriturísticos significado diverso daquele diretamente e claramente enunciado.

A esperteza de Moisés era notável. Ele era, sem dúvida, inteligente e hábil legislador. Ele enganou a todos. Eis algumas das provas que se espriam pelo Antigo Testamento:

E falou Moisés aos cabeças das tribos dos filhos de Israel, dizendo: Esta é a palavra que o "Senhor" tem ordenado:

Quando um homem fizer um voto ao Senhor, ou fizer juramento, ligando a sua alma com obrigação, não violará a sua palavra; segundo tudo o que saiu de sua boca fará. (Num. 30:2).

Moisés aí não falou ao povo, mas aos líderes das tribos de Israel, que exerciam notório e ditatorial poder sobre os seus subordinados. E qualquer transgressor sofreria pena de morte. Moisés revelou ao seu povo um "Deus" implacável, cruel, que não admitia qualquer tipo de divina concorrência. Ele era único e dono dos filhos de Israel!

De repente, nos capítulos 31:2 e seguintes, "Deus" falou a Moisés: "Vinga os filhos de Israel dos midianitas". Era o olho por olho, dente por dente. Moisés, então, reuniu doze mil homens (mil para cada tribo de Israel) que partiram sobre os midianistas, arrasando-os. Na oportunidade, mataram Balaão (aquele da jumenta falante), degolado impiedosamente. Levaram presas as mulheres dos midianistas e as suas crianças; também levaram todos os seus animais, tudo, enfim!

E queimaram todas as cidades midianitas com todas as suas habitações, onde os moradores indefesos foram incinerados criminosamente.

Quando as tropas israelitas chegaram às suas terras, trazendo as suas presas e despojos, foram interpelados por Moisés, indignado:

Deixastes viver todas as mulheres?

E Moisés, diante daqueles filhos de Israel que pouparam as mulheres e as crianças da chacina, ordenou, criminosamente: Matai todo o varão entre as crianças (MENINOS!) e toda a mulher que conheceu algum homem, deitando-se com ele.

Ora, como se poderia saber quais das milhares de mulheres conheceram ou não algum homem, deitando-se com ele? A verdade é que não sobrou um só menino e uma só mulher, por força de perverso pretexto de Moisés.

A PURIFICAÇÃO DOS SOLDADOS

Em Números 31:19, inscreve-se esta duvidosa recomendação de Moisés, aos soldados israelitas: "E vós alojai-vos sete dias fora do arraial; qualquer que tiver matado alguma pessoa, e qualquer que tiver tocado algum morto, ao terceiro dia, e ao sétimo dia vos purificareis".

Que significa tocar algum morto? Seria a prática do sexo com mortos? E, se assim for, os soldados seriam, então, purificados? Fica a dúvida, cruel e dolorosa dúvida!

Dos despojos da guerra contra os midianitas, houve de almas humanas dezesseis mil; e o seu tributo para o Senhor trinta e duas almas. Isto quer dizer que esses medianitas foram sacrificados a "Deus", Deus sabe como (Num.31:40).

Permito-me terminar, com esse sanguinário "Deus", o livro quarto do Pentateuco mosaico. Terminei de forma mui triste. Mas, não podia ser de outra maneira, infelizmente.

CAPÍTULO V

DEUTERONOMIO

Em Deuterônômio, Moisés ainda vive, conquanto, em Números, "Deus" tenha anunciado a sua morte... Moisés, mais uma vez, exorta o povo à obediência, o que evidencia a reiterada rebeldia dos filhos de Israel aos mandamentos "divinos". "Agora, pois, Israel, ouve os estatutos e os juízos que eu vos ensino, para cumprirdes; para que vivais, e entreis, e possuis a Terra que o 'Senhor Deus' vos dá"(Deut. 4).

Respaldando as suas exortações, Moisés retorna a questão do "Deus" único.

"A ti foi mostrado para que soubesses que o "Senhor" é "Deus"; nenhum há senão ele". (Deut. 4:35). Mais uma vez, Moisés refere-se ao "Deus único". Este "Deus" foi perfeitamente acolhido pelos cristãos (aqueles seguidores do Cristo, qualificativo criado muito tempo após a morte de Jesus: ele foi judeu, sem dúvida; mas não cristão!). Na verdade, o "Deus" único não é, evidentemente, o "Deus" de Moisés – um "Deus", como já ficou firmado, sanguinário, cruel, perverso, um louco (!), próprio daquela recuada época, mas insustentável à luz da razão. Um "Deus" que exigia obediência cega e irrefletida, do contrário os incautos seriam eliminados sumariamente. Aos que baixavam a cabeça, humilhados, viveriam bem e teriam prolongados o seus dias na Terra (Deut.5:33). O fim da lei é a obediência, que, transgredida, a ira do "Senhor" cairia sobre o transgressor, que o eliminaria da face da Terra (Deut. 6:15).

Volta e meia, ao longo dos cinco livros de Moisés, era lembrado o êxodo dos filhos de Israel, como exemplo do poder de "Deus". E que poder!

E como não podia faltar, eis o "Deus" extremamente violento: Deus ordena a destruição dos cananeus e seus ídolos.

"Quando o Senhor teu Deus te tiver introduzido na terra, a qual vais a possuir, e tiver lançado fora muitas gentes de diante de ti, os heteus e os girgaseus, e os amorreus, e os cananeus, e os perizeus, e os heveus, e os jebuseus (...). "E o Senhor teu Deus as tiver dado diante de ti, para as ferir, totalmente, as destruirás. Não farás com elas acordo, nem terás piedade delas". (Deut. 7).

Na oportunidade, "Deus" proibiu que os filhos de Israel se juntassem às mulheres dessas gentes. Ele estava com medo que os seus filhos, influenciados, servissem a outros deuses ("Ele" se incluía, então, entre outros deuses!). E ameaça: a ira do Senhor se acenderia (e como se acendeu!) contra vós, e depressa vos eliminaria. (Deut. 7:2, 3 e 4).

Porque "Deus" agia, assim, contra essas gentes? Não eram seus filhos, tanto quanto os israelitas? É evidente que esse "Deus" era apenas o "Deus de Israel", um "Deus" entre outros deuses. Ele escolheu o povo de Israel, para que lhe fosse o seu povo próprio... e, tresloucadamente, DE TODOS OS POVOS QUE SOBRE A TERRA HÁ (Deut. 7:6). Fica a critério do leitor tentar entender o "pensamento" desse "Deus".

O Deus grande e terrível (Deut. 7:21) demonstrava ideia fixa quanto à adoração a "imagens de escultura". Por que ele demonstrava, constantemente, esse medo das "imagens de escultura?" Ele, como bom terrorista, não queria concorrência e o desvio dos filhos de Israel de seus "estatutos e mandamentos", frutos da intransigência, da intolerância, do despotismo!

"Deus" não esquecia que o "povo eleito" constantemente provocava a sua ira, desde que saiu do Egito (Deut. 9:7). E Moisés relembra as inúmeras manifestações de rebeldia dos filhos de Israel, em que se destaca a adoração ao "bezerro de ouro".

A BENÇÃO E A MALDIÇÃO

Eis que o "Senhor" volta a falar de obediência, oferecendo ao povo eleito duas alternativas: "A bênção, quando ouvirdes os mandamentos do 'Senhor vosso Deus', que hoje vos mando. "Porém a maldição, se não ouvirdes os mandamentos do 'Senhor vosso Deus', e vos desviardes do caminho que hoje vos ordeno, para seguides outros deuses que não conhecestes (Deut. 11:26,27). Os cinco livros atribuídos a Moisés registram uma preocupação de "Deus" de ser trocado por outros deuses. Daí o seu despotismo, como já assinaléi anteriormente. O que chama atenção do analista é essa reiterada e paranóica apreensão de "Deus", o que denota que ele escolheu o povo, e não o povo o escolheu. Em outras palavras, - ele foi imposto àquela gente, graças aos ardilosos e violentos processos desenvolvidos por Moisés.

ACERCA DOS FILHOS DESOBEDIENTES

"Quando alguém tiver um filho rebelde, que não obedece a voz do pai e da mãe, e, o castigando, não lhes der ouvidos, ele deverá ser levado à presença dos anciãos de sua cidade. E lhos dirão: 'Este nosso filho é rebelde, não dá ouvidos à nossa voz'.

Então, todos os homens da sua cidade o apedrejarão com pedras, até que morra; e tirarás o mal do seu meio". (Deut. 21:18, 19,20,21).

Quer dizer que os filhos rebeldes eram sumariamente eliminados a pedradas, em praça pública?

Seguindo-se à risca o que ensina, pedagogicamente, "Deus" neste Antigo Testamento, teríamos, hoje, centenas ou milhares de filhos rebeldes apedrejados até à morte. Será que algum filho de pais israelitas teria coragem, ainda que naquele tempo, de ser rebelde?

Diante do cruel destino que lhes aguardava, não acreditamos que os filhos rebeldes fossem em grande número. O sistema educacional imposto por "Deus" é realmente singular, para não dizer estúpido. Ou

obedece ou morre. É claro que se deva ser enérgico para com os filhos rebeldes, mas condená-los à morte, morte infamante, é brutal e desumano. Contudo, era assim que se procedia, por ordem de "Deus". Que tresloucada pedagogia!!!

Logo em seguida, no versículo 22, inscreve-se o procedimento que se deve ter perante o cadáver do condenado à morte: "Quando em alguém houver pecado, digno de juízo de morte, e haja que morrer, e o pendurares num madeiro, o seu cadáver não permanecerá no madeiro, mas certamente o enterrarás no mesmo dia; porquanto o pendurado é maldito de Deus." Que pecado poderia alguém cometer para ser pendurado num madeiro? A pena de morte prevalecia entre os filhos de Israel, por ordem expressa de "Deus". Matava-se, pois, sem julgamento prévio, o que caracteriza uma cultura presa da barbárie.

Querem, então, nos impor, e o pior é que impuseram, esse "Deus" fruto de uma cultura primitiva, onde a violência atingia as raias da prepotência e do arbítrio. Esse "Deus" existiu para aquela época, de tantos conflitos. Ele era preciso para aplacar a fúria de um povo belicoso, ignorante, violento! Só que a violência que legitimava sua repressão atingiu índices inimagináveis de insanidade.

DA VIRGINDADE E DO ADULTÉRIO

De acordo com as "Sagradas Escrituras", a perda da virgindade fora do casamento é considerada um crime. A mulher que mantivesse relações com um homem, com quem casou, e este descobrisse que ela não era mais virgem, recomendava-se: (...) levarão a moça à porta da casa de seu pai, e os homens da sua cidade a apedrejarão, até que morra... (Deut. 22:13 e seguintes)

Por outro lado, o adultério era severamente punido com a pena de morte, principalmente se os adúlteros fossem pegos juntos.

Também é prevista pena de morte para o estupro: "E se algum homem no campo achar uma moça desposada, e o homem a forçar a se deitar com ele, então morrerá só o homem que se deitou com ela" (Deut. 22:25). Entretanto, se a moça for virgem e não desposada, o estuprador pagará ao pai da estuprada cinquenta ciclos de prata e terá que casar com ela.

Deve-se admitir que essa legislação tem sua razão de ser; contudo, as penas impostas são demasiadamente severas, talvez porque o fato ocorresse entre os filhos de Israel com inusitada freqüência. Pela precariedade do sistema, assaz rudimentar, é possível que muitas injustiças tenham sido perpetradas, condenando-se inocentes e absolvendo culpados.

A MORTE DE MOISÉS

Morreu Moisés na terra de Moabe, conforme o dito do "Senhor". Ele foi sepultado num vale, defronte de Bete-Peor, e ninguém sabe onde fica a sua sepultura. Estava Moisés com a idade de cento e vinte anos quando morreu. E os filhos de Israel prantearam Moisés trinta dias nas Campinas de Moabe. E Josué assumiu o posto que antes era de Moisés.

E nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, a quem o "Senhor" conhecera cara a cara.

CAPITULO VI

O LIVRO DE JOSUÉ E O ORGASMO DIVINO

O livro de Josué integra-se ao Pentateuco mosaico, seria, então, o hexateuco, a primeira parte do Antigo Testamento.

Logo na sua página de rosto, disse "Deus" a Josué, que substituiu Moisés:

"Esforça-te, e tem bom ânimo, porque tu farás este povo herdar a terra que jurei a seus pais que lhes daria" (Jos. 1:6).

"Deus" jurando? O livro de Josué começa com as "juras de Deus", como parte do compromisso que assumiu com o "povo eleito". Ele iria cumprir esse juramento a ferro e fogo, matando, trucidando, "infernizando" a vida dos habitantes da Palestina, como os filisteus (egeus rechaçados das costas e das ilhas do Egeu) e os cananeus:

"Destruí todos os lugares em que as nações que ides subjugar adoram seus deuses, nas altas montanhas, nas colinas e sob as árvores verdes; derrubai seus altares, quebrai suas estrelas, queimai seus postes e estacas sagradas, abatei as estátuas de seus deuses (Deut. 12:2 e3) (1).

E sucedeu que, estando Josué ao pé de Jericó, aparece-lhe um "anjo" com uma espada na mão (!) intitulado-se "Príncipe do exército do 'Senhor'". Esse "Príncipe do exército do 'Senhor'", certamente iria participar da chacina a que se procedeu em Jericó, por ordem de "Deus", que lá também se encontrava a postos. Afinal de contas, "Ele" não poderia perder a oportunidade de assistir a mais um sangrento espetáculo, que "O" levava ao êxtase, a uma espécie de "orgasmo divino".

(1) Foi provavelmente perto do século XIV, antes de Jesus, que os israelitas se fixaram no país de Canã. Cessaram, pois, de ser nômades para se tornarem fixados ao solo. Abandonaram a tenda pela casa.

JERICÓ É DESTRUÍDA

Após 40 anos andando pelo deserto, os filhos de Israel atravessaram "a seco", o Rio Jordão, levando a "arca do testemunho", e quarenta mil soldados sob o comando de Josué, que passaram diante do Senhor para a batalha contra Jericó. "Deus" era tão zeloso que até passava em revista as suas tropas, certificando-se, certamente, se aqueles homens estavam prontos para aniquilar os seus adversários. É o "Deus" dos exércitos!

Será que "Deus", diante da tropa, se empertigava orgulhoso, vestido de marechal, com peito cheio de medalhas reluzentes, tal como qualquer caudilho latino americano? "Ele" se materializava? Os soldados "O" viam?

A tomada de Jericó é relatada nos mínimos detalhes. De início, ela é sitiada, "nenhum saía nem entrava" (Jos. 6).

Então disse o "Senhor" a Josué: "Olha, tenho dado na tua mão a Jericó e ao seu rei, os seus valentes e valorosos.

"Vós, pois, todos os homens de guerra, rodeareis a cidade, por seis dias.

"E sete sacerdotes levarão sete buzinas de carneiro diante da arca; e, no sétimo dia, rodeareis a cidade sete vezes, e os sacerdotes tocarão as buzinas."

"E será que, tocando-se longamente a buzina de carneiro, ouvindo vós o som da buzina, todo o povo gritará com grande grito; e o muro da cidade cairá abaixo, e o povo subirá nele, cada qual em frente de si" (Josué, 6:2, 3,4 e seguintes).

Aquele "Deus" de Josué tinha, por certo, uma mente fértil. O muro de Jericó caiu, e os israelitas tomaram a cidade.

E POR ORDEM DE "DEUS":

Tudo quanto na cidade havia, os israelitas o destruíram, totalmente, passando a fio de espada (degola), desde o homem até à mulher, DESDE O MENINO ATÉ O VELHO, e, como sempre, os animais!

Por que razão há quem pregue que as Escrituras são sagradas? Essas pessoas não as leram, com a devida atenção. Se assim fosse, veriam esses crimes hediondos praticados por ordem de "Deus". Será que o conceito de sagrado que eu admito é diferente daquele outro dos intérpretes desses textos que afirmam, claramente, a crueldade de "Deus"?

A que título "Deus" mandaria degolar (decepar a cabeça) mulheres, velhos e crianças? E porque as cabeças de pobres animais?

É vingança? É loucura? Não sei, na verdade, por que se venera, até hoje, esse "Deus" facinoroso, psicopata, que manda matar sem escrúpulos, sem piedade! Assim, além de trucidarem a população indefesa, puseram fogo na cidade, salvando-se, é claro, A PRATA E O OURO, que foram fazer parte, (Oh Deus dos desgraçados!) do tesouro da casa do Senhor. (Jos. 6:24).

Àquele tempo escriturístico, "Deus" já promovia a corrupção, sempre mancomunada com o Poder: o Poder "divino", o Poder político, o Poder religioso etc. Como se não bastasse todo esse sofrimento imposto por "Deus", Josué esconjurou: Maldito diante de Deus seja o homem que se levantar e reedificar esta cidade de Jericó. (Jos. 6:26).

E o versículo acima se completa, nestes termos: Assim era o Senhor com Josué; e corria a sua fama (que fama, heim?) por toda a Terra.

Ao longo deste trabalho de pesquisa e análise das Escrituras, várias vezes parei, não apenas para refletir, mas enojado, francamente enojado, de tanta perversidade perpetrada em nome de Deus, por um "Deus" sanguinário, verdugo, desequilibrado, um assassino serial!

Um pouco mais adiante, a carnificina continua.

Desta vez é a cidade de Ai. Em princípio o exército de Ai derrotou as forças de Israel. Por isso, Josué, revoltado, disse:

"Ah Senhor Jeová! Por que, com efeito fizeste passar a este povo (os israelitas) o Jordão, para nos dardes nas mãos dos amonitas, para nos fazerem perecer? Oxalá nos contentássemos com ficarmos além do Jordão (Jos.7:7). "Ouvindo isso os cananeus, e todos os moradores da Terra, nos cercarão e desarraigarão o nosso nome da terra; e então que farás ao teu grande nome? (Jos.7:8). A indagação de Josué, que fecha o versículo, é sintomática. Caso o povo de Israel tivesse seu nome desarraigado da Terra, Deus sumiria com ele?

É o que transparece da advertência que Josué fez a Deus, uma vez que ele ERA, APENAS, DEUS DE ISRAEL E DE NENHUM OUTRO POVO... E muito menos dos brasileiros!

Ai, de AI! Ela foi tomada, destruída e saqueada por ordem de "Deus". E como normalmente acontecia na tomada de uma cidade, todos os moradores, crianças, velhos e mulheres foram sumariamente degolados.

Morreram em AI, sem um "ai", DOZE MIL MORADORES, além, é claro, os animais. Não sei, até agora, por que "Deus" tinha tanta ojeriza aos pobres animais. Será que Freud poderia explicar?

Tão somente os israelitas saquearam e tomaram para si o gado e os despojos da cidade, conforme a palavra do Senhor, que tinha ordenado a Josué.

As histórias que venho contando até o momento, sobre o beligerante povo de Israel, seriam historicamente aceitáveis se se tratasse de um processo natural de conquistas, conquanto bárbaras. O problema é que puseram "Deus" como "comandante em chefe" dessa horda de homens sanguinários que não hesitavam, sem qualquer importância militar e civil, em matar crianças e idosos inofensivos. É aí que se caracteriza o absurdo - "Deus" é feito, desse modo, à imagem e semelhança dos homens. É um sem-fim de barbaridades:

Josué toma a cidade de Maqueda, destruiu seu rei e a toda a alma que nela havia - nada deixou de resto (Jos. 10:28). No versículo seguinte, o "Senhor" entregou na mão de Israel a cidade de Libena. O seu rei é assassinado E TODA ALMA QUE NELA HAVIA, NADA DEIXOU DE RESTO!

E as cidades iam caindo nas garras dos israelitas, GRAÇAS A DEUS, tais como: Laquis, Gezer, Egiom, Hebron, Debir e as terras de Gaza, Gosen e Gibeão. Nestas cidades, de milhares de habitantes, não sobrou nada, mataram seres humanos e animais, como ordenou o "SENHOR DEUS" de Israel (Jos. 10:40).

AS CHACINAS CONTINUAM

Outros marcharam contra os poderosos filhos de Israel, que pelejavam sob a proteção de "Deus". Cananeus, amorreus, heteus, heveus etc, saíram, pois, todos estes, e todos seus exércitos com eles, muito povo, como a areia, e muitíssimos cavalos e carros.

Diante desses milhares de aguerridos soldados, os israelitas tremeram. Mas, "Deus", sempre ao lado do "povo eleito", tranquilizou-os: "Não temais diante deles; porque amanhã a esta mesma hora EU OS DAREI TODOS FERIDOS DIANTE DOS FILHOS DE ISRAEL" (Jos. 11:6). Não sobrou um só dos inimigos de "Deus" - foram arrasados!

E como sempre ordenava "Deus", os habitantes das cidades dos derrotados foram passados a fio de espada (degola), além de serem saqueadas.

Finalmente, os filhos de Israel possuíram as terras d'além do Jordão, desde Arnom, até o monte Hermom, e toda a planície do Oriente (Jos. 12).

Aos cento e dez anos, faleceu Josué. O seu corpo foi sepultado no termo de sua herdade, em Timnate-Sera, no monte de Efraim, para o norte do monte de Gaás. Encerrava-se, destarte, um ciclo de terríveis conquistas, tendo à frente o sanguinário "Deus" de Israel.

Fiquemos por aqui. Os demais livros do Antigo Testamento são repositórios de inenarráveis violências e de profundos desacertos de "Deus". O Antigo Testamento, como afirmou Féiicien Challaye, é uma obra elaborada pelos homens, homens rudes, arbitrários, perdidos em suas próprias e bárbaras concepções. Criaram um "Deus" que pudesse estar a altura de suas ambições, de sua cobiça, de seus devaneios. O "Deus" de Abraão, Isaque, Jacó, Moisés e Josué nada mais representa que uma necessidade de união política, social e religiosa, vez que outra, rompida pela apostasia, isto é, os filhos de Israel, cansados de

serem joguetes nas mãos de um "Deus" que lhes impuseram, resolviam adorar outros deuses, menos cruel e ditatorial.

No povo que o abjurava, "Deus" descarregava seu ódio, o seu ciúme, materializados por estúpidas matanças.

Tenho certeza de que nenhum déspota que viveu sobre o planeta Terra matou tanto, e cruelmente, quanto o "Deus" do Antigo Testamento. É provável que, por trás de todos os déspotas, estivesse esse "Deus" que era fascinado por uma carnificina!...

CAPÍTULO VII

DADOS SOBRE A VIDA E A OBRA DE MOISÉS

FOGO

A origem do nome Moisés. Ele vem do hebreu mōseh, derivado do egípcio, provavelmente de MSI: dar à luz ("The Egyptian Derivation of the Name Moses", J.G.Griffiths).

Em Números 26:59, traça-se um perfil genealógico de Moisés:

"E o nome da mulher de Anrão foi Joquebede, filha de Levi, a qual nasceu a Levi no Egito; e esta a Anrão que gerou Arão, Moisés e Miriá, sua irmã"

"Moisés é mencionado nos seus livros e em Josué, 700 vezes, nos demais livros históricos, 51 vezes, nos livros proféticos apenas 4 vezes; depois 8 vezes nos Salmos e 2 vezes em Daniel. Entretanto, há poucas informações certas sobre a sua pessoa. Não se nega, aqui, a sua existência histórica, mas um estudo crítico terá de distinguir entre aquilo que ele foi, realmente, e aquilo de dele fizeram certas tradições" ("Bijbeis Woudenboek – Dicionário Bíblico, editado na Holanda por J. J. Romen e Zonen). Embora se saiba onde nasceu, o seu túmulo é desconhecido.

Segundo relatos em Êxodo, Moisés é aquele que liberta os israelitas do jugo egípcio, promulga e escreve, num livro, as leis e prescrições de Javé. O Êxodo dos israelitas é cercado de uma série de acontecimentos singulares, a partir das pragas que Javé lançou sobre os egípcios, a fim de intimidar o Faraó, que terminou permitindo que o "povo eleito" partisse em busca da terra de Canaã, (Kana 'an), terra da promessa. Canaã é a parte mais baixa da Palestina.

Nos textos fora do conjunto Êxodo - Josué, Moisés é chamado "servo de Deus", "Dileto de Deus", Sacerdote, Legislador, Profeta, homem de Deus. Os profetas mencionam-no raramente. Dirigem os seus olhares para o tempo de Moisés, mas não a ele mesmo.

Também não é mencionado como fundador de uma religião. Não é nele que os profetas se apoiam para converter seu povo, mas exclusivamente em Javé. A tradição não os parece ter tocado, ou, pelo menos, não influenciou, decisivamente, as suas idéias sobre Moisés.

Para o Judaísmo posterior, entretanto, Moisés é a figura principal da história da salvação no Antigo Testamento. Várias lendas giram em torno do legislador hebreu. No judaísmo helenístico do século I a. C., surgiu um romance sobre Moisés, no qual ele é mestre da humanidade, homem genial ou o "piedoso ideal", e no qual a sua morte se torna uma apoteose (morreu em glória ou foi elevado ao céu). Esse romance que polemiza com uma lenda egípcia anti-semítica sobre Moisés faz nascer uma imagem de Moisés notavelmente

diferente daquela configurada na Bíblia. Ainda no judaísmo palestinese, Moisés assume o caráter de "mediador da revelação".

Moisés entra na Escatologia (1), tornando-se, provavelmente, uma figura messiânica:

"O Senhor teu Deus te despertará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis... Eis lhes suscitarei um profeta do meio dos seus irmãos, como tu; e porei as minhas palavras em sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar..." (Deut. 18:15 e 18).

O Messias é concebido como um segundo Moisés. A libertação do Egito como prefiguração da redenção messiânica (vide Atos dos Apóstolos, 21,38).

Também esse segundo Moisés terá de sofrer.

No Novo Testamento, registra-se uma nova visão de Moisés e sua lei, quando Jesus a critica severamente.

Chega-se à conclusão que Moisés e Jesus são figuras paralelas, conquanto ambos tenham experimentado contestações e humilhações, mas que há, antes, franca oposição entre os sistemas que admitiam e pregavam, a saber: a Lei e os Evangelhos. Significa dizer que, na verdade, não houve um NOVO TESTAMENTO, mas a Boa Nova, plena de valores eminentemente contrários à arbitrária Lei de Moisés, embora se fale de uma "nova aliança" que teria sido, erroneamente, instituída por Jesus.

Eis alguns exemplos que atestam a óbvia discrepância entre o Deus de Moisés e o Mestre Jesus: "Ouvistes o que foi dito (quem o disse?): olho por olho, e dente por dente. "Eu, porém, vos digo que não resistais ao homem mau (...). "Ouvistes que foi dito: amarás ao teu próximo, e odiarás o teu inimigo. "Eu, porém, vos digo: Amai aos vossos inimigos e orai pelo que vos perseguem e vos odeiam. "Para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos céus; porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos". (Mateus, 5- 38 a 48).

Se Moisés, como se encontra no Pentateuco, falava em nome de Deus, é óbvio que Jesus criticava o radicalismo desse Deus iracundo e vingativo. Gostaria, caro leitor, de estar enganado. Entretanto, os fatos aí estão, claros e insofismáveis.

Foram atribuídos a Moisés, além do Pentateuco:

- O "Apocalipse de Moisés", escrito judaico, redigido no século I d. C. em hebraico ou aramaico, mas conhecido, apenas, em tradução.

- Lendas grega e armênia. Trata de Adão, Eva, Set e Caim e apresenta profunda semelhança com o livro "Vida de Adão e Eva", considerado apócrifo.

- A "Assumptio Mosis", escrito judaico, redigido no século I d. C. em hebraico ou aramaico. O conteúdo é uma visão do futuro de Israel (até a morte dos filhos do rei Herodes Magno) que Moisés, antes de sua "ascensão ao céu", esboça para Josué. Termina com um discurso de consolação de Moisés e contém reminiscências dos escritos de Qumran.

Deve-se ressaltar, aqui, a flagrante superioridade de Jesus sobre Moisés. A prova está no episódio da transfiguração, quando Jesus, através dos médiuns de ectoplasmia - Pedro, Tiago e João, materializou Moisés e Elias, falando com eles (Mateus, 17:2.13,4; Marcos, 9. 2-13; Lucas, 9. 28, 36). Que teriam conversado os três? Ninguém soube.

(1) Cessaram, pois, de ser nômades para se tornarem fixados ao solo. Abandonaram a tenda pela casa. Foi provavelmente perto do século XIV, antes de Jesus, que os israelitas se fixaram no país de Canaã.

Deve-se ressaltar, aqui, a flagrante superioridade de Jesus sobre Moisés. A prova está no episódio da transfiguração, quando Jesus, através dos médiuns de ectoplasmia - Pedro, Tiago e João, materializou Moisés e Elias, falando com eles (Mateus, 17:2.13,4; Marcos, 9. 2-13; Lucas, 9. 28, 36). Que teriam conversado os três? Ninguém soube.

O certo é que Jesus, evidenciando estar espiritualmente acima de Moisés, fê-lo reaparecer, morto-vivo. Logo ele, Moisés, que proibira a comunicação com os mortos. Jesus, em verdade, desfazia, então, aquela ordem do legislador hebreu, justificável apenas em função da evocação indiscriminada dos mortos por parte dos israelitas. Ao se universalizar o preceito, cometeu-se um grave erro, retificado por Jesus. Ele pôs em seu devido lugar o processo de comunicabilidade com os desencarnados, um fato natural entre as mais sofisticadas e antigas civilizações. Alegar, pois, atualmente, a proibição mosaica é negar o episódio do Monte Tabor; é contrariar a disposição de Jesus de reavaliar o natural intercâmbio entre o mundo físico e o mundo espiritual.

Moisés, inegavelmente, foi um notável legislador que, com rara habilidade, conduziu o povo de Israel deserto fora, ameaçando-o com um "Deus" implacável, que não suportava ser traído.

Carlos Bernardo Loureiro,

Nascido a 16 de abril de 1942, na Cidade de Salvador, Carlos Bernardo Loureiro é formado em Direito pela Universidade Federal da Bahia. Em 1973, participou em Brasília, da elaboração do Código de Direito do Trabalho, sob a responsabilidade da Comissão de Justiça da Câmara dos Deputados.

Exerceu, por longo tempo, a advocacia, ocupando o cargo de Assessor Jurídico da Federação das Indústrias do Estado da Bahia - FIEB, onde trabalhou por 32 anos. Escreve para diversos órgãos da Imprensa Espírita Nacional e internacional. Já publicou vários livros.

FIM.